

EDITORIAL

A Atividade de Pesquisa na Universidade Pública

Há muitos séculos os principais países do mundo já compreendiam que a produção do conhecimento, através do desenvolvimento de pesquisas em Ciência e Tecnologia, era uma das atividades fundamentais da universidade. Estes mesmos países obtiveram maior sucesso na melhoria do nível de bem-estar social da sua população. Pesquisas em Ciências Básicas e Aplicadas, em todas as áreas do conhecimento, sempre fizeram parte desta visão do papel da universidade na sociedade.

Atualmente, esta situação não se modificou nesses países, onde a maior parte da produção científica provém das universidades e onde cerca de 80% dos investimentos em ciência e tecnologia provém dos cofres públicos.

Infelizmente, em países periféricos, como o Brasil, a importância da universidade como fonte de produção do conhecimento ainda não foi compreendida por grande parte da classe produtiva, política, e até mesmo pelos seus professores e dirigentes. Possuímos, essencialmente, três tipos de instituições de ensino superior. No primeiro, incluem-se a grande maioria das escolas particulares, onde somente se transmitem conhecimentos, isto é, a função do professor é ensinar. O grande objetivo de seus proprietários é o lucro fácil e rápido. Não é preciso esclarecer que não existe espaço para atividades de pesquisa ou sociais com este tipo de mentalidade. No segundo tipo, incluem-se a maioria das universidades públicas, onde um grande número de professores possui o regime de trabalho de tempo integral, com ou sem dedicação exclusiva, para desempenharem, por princípio, atividades indissociáveis de ensino, pesquisa e extensão. A realidade, no entanto, é que a maior parte destes professores não desempenha nenhuma atividade diferente daquelas dos professores das escolas particulares, não sendo qualificados nem estimulados para desenvolverem atividades de pesquisa na fronteira do conhecimento ou de cunho social mais imediato. Além disto, muitos dos dirigentes universitários também não possuem formação que lhes permita desempenhar tais atividades e vêem de forma ambígua a presença de pesquisadores em seus quadros: se por um lado é interessante mostrar à população resultados de pesquisa e corpo docente qualificado, por outro lado este tipo de profissional incomoda muito, pois põe em risco a estrutura de poder e são subversivos, do ponto de vista de manutenção da situação vigente. O corporativismo é a marca dominante nestas instituições. Infelizmente, o terceiro tipo de universidade, que é a verdadeira universidade, preocupada em atender aos anseios da população a curto e longo prazos, através do real desenvolvimento do tripé Ensino - Pesquisa - Extensão, é minoria no Brasil, com raras e honrosas exceções ou com institutos ou grupos isolados que lutam, dentro de suas próprias universidades, contra o statu quo vigente.

Na atual situação do país, o tipo de universidade pública descrita como “tipo dois” está em situação crítica, sob ataque de todos os lados da sociedade, desde os tecnocratas do governo, que não acreditam haver sentido o Brasil tentar deixar de ser um país periférico no mundo globalizado, passando pelo forte lobby das escolas particulares mercantilistas, mas também da população em geral que enxerga como grande desperdício o dinheiro investido em instituições corporativas. A tendência é que, na falta de argumentos que justifiquem a continuidade do modelo, essas instituições se transformem oficialmente nos “escolões do terceiro grau”, funcionando como as escolas privadas e com ainda mais escassos recursos públicos. Para que as universidades públicas sobrevivam como universidades verdadeiras, é preciso que elas tenham condições de responder à sociedade, de forma clara e simples, o porquê elas diferem das escolas do terceiro grau e merecem tratamento e financiamento especial. Mais do que isto, é preciso que cada unidade ou departamento dessas universidades justifique sua existência dentro deste modelo, com produção do conhecimento. Isto somente será possível com a contribuição dos professores atuais e seus dirigentes, desprendendo-se do espírito corporativo ou de autodefesa contra mudanças. É preciso adotar uma postura de renovação dos quadros através de concursos para jovens e promissores cientistas doutores, de estímulo à produção intelectual e de valorização daqueles que desempenham bem suas funções. Se não formos desprendidos para fazermos esta mudança de rumo, mesmo que profissionalmente não tenhamos a formação adequada a este “novo modelo de universidade” (com séculos de existência), estaremos contribuindo para condenar nosso país a permanecer como um dos países onde existem mais miséria e desigualdades sociais.

Professor Doutor Paulo Gomes
Coordenador de Pesquisa da
Universidade Federal Fluminense